

EXCLUSÃO EM (DIS)CURSO NOS DIZERES DE MULHERES COM TRANSTORNO POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

EXCLUSION IN (DIS)COURSE IN THE SAYING OF WOMEN WITH PSYCHOACTIVE SUBSTANCES USE DISORDERS

Aline Rodrigues da Silva¹

Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento²

Resumo: Propomos, neste artigo, interpretar como a exclusão se manifesta nos dizeres de mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas. Para a problematização, partimos da descrição e interpretação de três recortes enunciativos de textos escritos pelos sujeitos de pesquisa, destacando as marcas discursivas sobre a exclusão a partir da noção de enunciado para traçar uma rede de memória discursiva. Nesse sentido, articulamos a perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007) ao olhar teórico-metodológico da arqueogenealogia (FOUCAULT, 1979; 2009). Pelo viés arqueológico, notamos rastros do discurso da salvação – possibilitado pela Formação Discursiva cristã – e do discurso da proibição – traçado pela materialidade das reticências e dos parênteses. Discursos que ativam, via genealogia, saberes emergentes como os procedimentos discursivos do cuidado de si e da preservação da autoimagem para a desestruturação da família enquanto base. Desta forma, a família se torna uma instituição que corrobora à exclusão, marcada pelo que interpretamos como hostipitalidade, uma vez que produz efeitos de verdade sobre as mulheres que usam substâncias psicoativas.

Palavras-chave: Discurso. Mulheres. Substâncias psicoativas.

Abstract: In this paper, the aim is to interpret how exclusion is manifested in the sayings of women with psychoactive substance use disorder. For the problematization, we analyzed three enunciative excerpts of texts written by the research subjects, highlighting the discursive marks on exclusion from the notion of statement to trace a discursive memory network. In this sense, we linked the discursive-deconstructive perspective (CORACINI, 2007) to the archaeogenealogical method (FOUCAULT, 1979; 2009). Through the archaeological perspective, we noted traces of salvation discourse – made possible by the Christian Discursive Formation - and of prohibition discourse – traced by the suspension points and parenthesis materiality. Discourses that activate, by genealogy, emerging knowledge such as discursive procedures of self-care and self-image preservation for the disruption of the family as a basis. Therefore, the family becomes an institution that corroborates the

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e doutoranda pela mesma universidade (PPGLETRAS), com atuação na área de Análise do Discurso alinhada à Desconstrução e à visão decolonial sobre a relação entre o feminino e as drogas. Integrante do projeto de pesquisa: Linguagem, discurso e identidade de adolescentes e adultos em situação de exclusão: escrita de si. E-mail: rodrigues.lettras@yahoo.com.br.

² Pós-Doutora em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP com bolsa do CNPQ (2012). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras Câmpus de Araraquara. Professora Associada/Pesquisadora Sênior voluntária/PPGLETRAS e PROFLETRAS da Universidade federal de Mato Grosso do Sul. Projeto de pesquisa vinculado: Linguagem, discurso e identidade de adolescentes e adultos em situação de exclusão: escrita de si. Grupo de Estudo Sul-Mato-Grossense de Estudos da Linguagem, Discurso e Identidade de Crianças e Adolescentes em Situação de exclusão. Vozes (In)fames; coordenadora Profa. Maria José Coracini /UNICAMP. E-mail: celina.nascimento@ufms.br.

exclusion, marked by what we interpret as hostility, since it produces truth effects on the women that use psychoactive substances.

Keywords: Discourse. Women. Psychoactive substances.

Considerações iniciais

R3: Eu vim da Bahia 13 anos para trabalhar para ajudar meus pais e meus irmãos depois eu arranjei tive meus três filhos eu sofri muito com pai do meu filho ele me batia. eu entrei em depressão fui enternada várias vezes quando ele morreu meu filho do meio foi morrer com avô de ele foi onde comecei a beber eu vim por caps ad 4 anos (Mãe)³

Partimos dos dizeres do sujeito-mulher, em que os fios discursivos entrelaçam o gênero e as drogas pela escrita de si sobre sua relação com o CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas), com a família e com si mesma. É desse lugar discursivo que tratamos no decorrer desse texto ao nos referirmos às margens, ligadas a presença de um “centro silencioso e silenciado”, “um circuito marcado” pela “violência epistêmica” (SPIVAK, 2010, p. 54), em que para além do uso de drogas, já marginalizado nas práticas hegemônicas, há um recorte da dupla exclusão nas margens entre as drogas e o gênero.

Várias pesquisas tem sinalizado, como a de Gomes (2010), que o uso de drogas por mulheres se apresenta de forma velada da sociedade, ao passo que são concebidos papéis sociais às mulheres, como a maternidade, por exemplo. Com isso, a autora afirma que a dependência química em mulheres é considerada como o intolerável na feminilidade, pois essa está relacionada à construção de certos estereótipos e valores morais. Sobre a feminilidade, a autora afirma que lhe é atribuída a vulnerabilidade, a recusa desta é operada pela negatividade, modalidade na qual o que há é o não-ser. A mulher é vista, então, como o que é recusado pelo homem, a vulnerabilidade.

É na ordem simbólica que os dizeres da mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas⁴ se materializam e, pela língua, é possível compreender os efeitos de sentidos que perpassam o seu discurso. Para possibilitar a análise aqui apreendida, nos situamos na abordagem discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007), na interface teórica com os conceitos de memória, arquivo, hospitalidade, hostilidade e *différance* discutidos pelo filósofo Derrida (2003, 2005 e 2011) e de exclusão, vontade de verdade e discurso articulados

³ Destacamos um primeiro recorte do corpus pesquisado para que seja possível uma primeira aproximação do leitor com o sujeito-mulher e sua relação com o uso de substâncias psicoativas. Ao final de cada recorte, identificamos os nomes dos sujeitos pesquisados, figurativizados de acordo com a sua identificação enquanto filha e mãe: Filha (R1 e R2) e Mãe (R3).

⁴ Nomenclatura utilizada no DSM 5 (2014) – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

por Foucault (1988, 2005 e 2010). Os trabalhos foucaultianos (1988 e 2009) também contribuem com discussões a partir da perspectiva teórico-metodológica da arqueogenealogia. Por meio desse viés, analisa-se os dizeres constituídos via recortes enunciativos e selecionados a partir das regularidades e das dispersões interpretadas no texto.

Como objetivo, buscamos interpretar como a exclusão se manifesta no discurso escrito do sujeito-mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas. Para tanto, temos a hipótese que os dizeres do sujeito pesquisado são atravessados pela manifestação da exclusão em forma de interdição. Este texto está organizado de modo a apresentar inicialmente as “Condições de produção e questões teórico-metodológicas”. Em seguida, uma articulação entre teoria e análise no item “Discursividades: do processo teórico ao analítico” pelos subitens “O papel do enunciado e da Formação Discursiva na reverberação da verdade e no cuidado de si” e “Marcas discursivas da exclusão” e, então, as “Considerações finais”.

Condições de produção e questões teórico-metodológicas

As condições de produção envolvem os sujeitos e a situação de enunciação, compreendendo o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006), que entendemos como a memória discursiva, constituída pelo já-dito, sendo o Outro⁵ do discurso que determina a Formação Discursiva. Discutir sobre a memória nos remete ao passado, constituído e feito por outros, outros em cada um de forma heterogênea e fragmentada, memória enquanto herança. A memória “é constituída de um sem-número de aspectos, de fantasmas, de espíritos se assim quisermos, de fragmentos de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que vão constituindo arquivos, ora mais, ora menos organizados, segundo a função que desempenha(ra)m na vida de cada um” (CORACINI, 2010, p. 129).

Pela memória, remontamos a história por uma espécie de escavação arqueológica, o encontro e a análise de rastros a partir de conjuntos complexos de traços de marcas, inscrições que jamais se apagam, apenas tornam-se mais complexas com o tempo. Exemplificamos com um trecho do R3 (Mãe), também discutido ao longo do texto, “Eu vim da Bahia 13 anos para trabalhar para ajudar meus paiz e meu irmos depos eu arrangei”. Ao considerar memória enquanto interpretação, ficção constituída a *posteriori* do acontecimento, interpretamos o

⁵ Não nos referimos ao outro empírico, referimo-nos ao Outro enquanto alteridade, enquanto inconsciente sob forma de linguagem.

enunciado “eu arrangei” como uma marca sobre a busca de um sentido para a vida. Aciona-se a memória discursiva para dizer que conseguiu algo, a base para tal afirmação foi a busca por um trabalho. Ficção e interpretação que se submetem “às leis ou regras – o que significa ao poder – do momento em que se está vivendo” (CORACINI, 2010, p. 130).

As condições de produção também envolvem o lugar teórico-metodológico no qual a analista se insere, nesta ocasião, um viés situado no campo da arqueogenealogia com base em Foucault (1979; 2005). Campo que elaborou uma crítica à história tradicional, propondo uma história genealógica como descontinuidade, uma história que não busca a origem. A memória, como traço indelével, é constituída por arquivos, fragmentos, marcas – que se inscrevem no corpo – da singularidade do sujeito.

Além de remeter a começo, o termo arquivo se relaciona a comando (ordem, autoridade), uma vez que *archive* (francês) provém de *arkhiteion* (grego) “inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os *arcontes*, aqueles que comandavam” (DERRIDA, 2001, p. 12). Por deterem a lei, os *arcontes* representavam a lei, e detinham, então, os documentos oficiais. Logo, tinham o poder de interpretá-los, além de reunirem os signos de acordo com certa ordem, regras. A noção de arquivo parte de um princípio arcôntico do mesmo modo que é um princípio de consignação, reunião, uma técnica de repetição. Consideramos a escrita de si por meio dos textos escritos pelos sujeitos dessa pesquisa, mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas, como arquivos diante da possibilidade de repetição desses dizeres historicizados pela memória. Na permanência sempre do outro. Pela escrita de si, S2⁶ escreve seus sentimentos e acontecimentos como no enunciado “Eu tenho um filho que nem sei onde foi parar é um pouco difícil.”

Em *A arqueologia do saber*, Foucault (2009) discute que a arqueologia não define pensamentos expressos por discursos. Ao invés disso, ela mostra os discursos, entendendo-os como monumentos e os definindo em suas especificidades, sendo a arqueologia “a descrição sistemática de um discurso-objeto” (FOUCAULT, 2009, p. 158). Assim, entende-se que a arqueologia descreve a discursividade local (quem são essas mulheres, como se sentem, como se articulam determinados discursos). E, junto a esta, a genealogia ativa os saberes que emergem dessa discursividade (quais saberes são manifestados em seus dizeres), uma vez que

⁶ S2 foi um dos nomes figurativizados e articulados durante a pesquisa de mestrado.

a arqueologia e a genealogia constituem a discussão metodológica proposta por Foucault (1979, 2009).

Nessa esteira, são empregados processos de descrição e interpretação na análise, a fim de compreender a produção de sentidos de um determinado objeto simbólico para os sujeitos (ORLANDI, 1999). Para tanto, realizamos visitas ao CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas) de Três Lagoas-MS, com a coleta de sete textos escritos sobre suas histórias e como se veem nelas, sobre o que queriam expor sobre si. Desses textos, selecionamos dois para compor esse artigo, divididos em três recortes, R1, R2 e R3. Ao final de cada recorte, identificamos os nomes dos sujeitos pesquisados, e para fins de ética e sigilo, foram figurativizados de acordo com a sua identificação enquanto filha e mãe (não integrantes da mesma família): Filha (R1 e R2) e Mãe (R3).

Sobre o lugar enunciativo, CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), de acordo com Brasil (2004), atendem pessoas com psicoses, transtornos mentais, neuroses graves e com outros quadros, e tem por objetivo realizar o atendimento e a reinserção social dos atendidos por meio do: acesso ao trabalho, lazer, exercícios de direitos e fortalecimento familiar e comunitário. Os sujeitos atendidos no CAPS ad são/estão envolvidos pelo/com transtorno por substâncias psicoativas – nome designado no DSM5 (a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais) – situado entre os transtornos mentais resultantes do uso excessivo de substâncias psicoativas (ROCHA; NICOLAU, 2015). A dependência química é entendida como um transtorno causado por uso excessivo de substâncias psicoativas, um transtorno que pode ser controlado. Para tanto, existem serviços especializados para o seu tratamento (GOMES, 2010). Um desses centros especializados é o Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas, o CAPS ad.

O uso de drogas por mulheres se mostra na pesquisa de Gomes (2010) como algo que acontece escondido da sociedade, pois ingestão de bebida alcoólica, por exemplo, não seria de conhecimento das pessoas com as quais se convive, é quase sempre escondido. Nas pesquisas sobre transtorno por uso de substâncias psicoativas, a participação da mulher é mínima, pois há uma ênfase no padrão masculino, considerado como a norma (BRASILIANO; HOCHGRAT, 2006). Para Carreon e Manzano (2016, p. 15), historicamente, coloca-se em circulação discursos que participam de um jogo de poder e “gozam de um estatuto de

legitimidade, de modo a fortalecer o funcionamento do dispositivo de controle sobre o corpo da mulher”.

De acordo com Cesar (2006), a mulher esconderia o ato de beber e usar outras drogas por consequência dos papéis sociais concebidos para nós⁷ mulheres como a maternidade e a postura adequada a fim de preservar a autoimagem, com isso, a dependência química em mulheres se torna intolerável na feminilidade (GOMES, 2010). Também está ligada a estereótipos e valores morais construídos social e historicamente, pois no século XIX beber também era visto como um hábito da classe baixa, as mulheres dessa classe que bebiam foram associadas à negação dos valores morais.

Uma vez tratado sobre o lugar enunciativo dessas mulheres, passemos, a seguir, para a articulação do processo teórico ao analítico, pois entendemos que não funcionam separadamente, constituem um desenho⁸ teórico-analítico traçado por nós, pesquisadoras da circulação e produção de discursos na sociedade. Sobre essa metáfora análise/desenho, concordamos com Merleau-Ponty (1980, p. 118 e 119) quando afirma:

Vemos a profundidade, o aveludado, a maciez, a dureza dos objetos – Cézanne dizia mesmo: seu odor [...]. O que motiva um gesto do pintor não pode residir unicamente na perspectiva ou na geometria [...]. Para todos os gestos que pouco a pouco fazem um quadro só há um motivo, a paisagem em sua totalidade e sua plenitude absoluta – a que Cézanne justamente chama de “motivo”.

Nesse sentido, o que motiva o gesto do analista não são as técnicas de análises, os caminhos metodológicos, a linguística, mas os discursos, os sentidos e as suas interpretações. Por esse olhar, problematizamos o modo como a exclusão é materializada pelos fios discursivos que constroem o sujeito-mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas.

Discursividades: do processo teórico ao analítico

⁷ Sentimos a necessidade de nos marcar no enunciado “nós mulheres”, uma vez que, geralmente, marcamos o enunciado “mulher” como o outro, marcação notada por Beauvoir (1980, p. 17) quando explica: “os homens dizem “as mulheres”, e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito”. Assim, marcamos-nos enquanto sujeito-mulher em um laço de identificação com o sujeito da pesquisa. BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. vol.1. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

⁸ Ao longo do processo teórico-analítico, denominamos nossa escrita como um desenho, não para dizer que o que fazemos é arte, mas para abalar a linha tão tênue existente entre o que consideramos arte e o que consideramos ciência. Como o artista, o analista do discurso se articula com o objeto de pesquisa e o transcreve a partir do seu olhar, da sua subjetividade. Tanto o desenho quanto o artigo são suportes, um artístico e outro científico.

Na Análise do Discurso (AD), a linguagem é um trabalho simbólico, parte da produção social e interação entre sujeitos, submetidos às condições de produção que os envolvem em relação à situação imediata e sócio-histórica (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006). Nessa ordem simbólica, a linguagem é concebida como a materialidade do discurso, entendido como a reverberação da verdade, deste modo, a vontade de verdade⁹ pressiona os discursos de forma a lutar pela verdade, resultando na produção de efeitos de poder constituintes dos sujeitos (FOUCAULT, 1979).

Por meio da linguagem, o inconsciente, o Outro do discurso do sujeito de pesquisa se revela. Lacan formula a hipótese do “inconsciente estruturado como a linguagem”, sendo então, “a soma dos efeitos da fala sobre um sujeito, naquele nível em que o sujeito se constitui dos efeitos do significante” (KAUFMANN, 1996, p. 267). Entendemos que o inconsciente inaugura a estrutura do eu, uma vez que é o Outro no discurso, a representação do lugar designado por uma autoridade subjetiva no sujeito (LACAN, 1998). Por ser estruturado como linguagem, revela-se de formas diferentes no discurso por meio da análise, dado que, em qualquer momento, há algo no sujeito além da compreensão e da ideia que tem de si (LACAN, 1998).

É por meio da inserção na ordem simbólica que se constitui o sujeito, e a mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas não é uma exceção, pois se constitui por meio da linguagem e integra uma ordem discursiva. Para Lacan (1998), o sujeito é efeito da linguagem, porque é constituído na relação com o Outro por meio desta, determinando-se através da função simbólica e pelas regras de convenções desse registro.

Entendemos que se trata de um sujeito heterogêneo e resultante do funcionamento do poder disciplinar, sendo a identidade constituída pela totalidade e pela homogeneidade ilusória, que é controlada pelas autoridades legitimadas (CORACINI, 2007). O sujeito é, dessa forma, perpassado pela incompletude, pois se constitui na relação da linguagem e da história e a partir de múltiplas identificações com o outro, ocupando diversas formações discursivas. É na relação com o outro que a identidade do sujeito é definida, na construção imaginária a partir do outro e do discurso-outro (LACAN, 1998).

O imaginário do sujeito é construído em como ele se vê e acredita que é visto, o que constitui a sua identidade, os momentos de identificação entre o eu e o espelho (LACAN,

⁹ Vontade de verdade – noção abordada posteriormente.

1998). Junto à noção de identidade, Lacan (2003) discute a noção de identificação via traço, relacionada ao ideal do eu. Assim, o sujeito é constituído em relação a um traço do Outro, é a marca de uma falta (LACAN, 1985). Na análise, a problematização dos traços do Outro é traçada via interpretação, a constituição de sentidos no sujeito.

A Análise do Discurso é uma ciência da interpretação, trabalhando com a materialidade dos sentidos e dos gestos de interpretação, estes interferem no real dos sentidos (ORLANDI, 2012). Para a autora, a interpretação constitui toda e qualquer manifestação da linguagem, ao passo que não existe sentido sem interpretação. Além disso, são vários os gestos de interpretação, pois existem diferentes linguagens e suas formas, com diferentes materialidades, significando de formas distintas.

Percebe-se a existência da materialidade dos gestos de interpretação, a historicidade e sua constituição pela memória, pelo interdiscurso, o que integra a formação do enunciado enquanto materialidade discursiva. Ao interrogar o discurso sobre as suas regras de formação, nota-se que o enunciado é uma função de existência, não é estrutura, porque pertence “aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)” (FOUCAULT, 2009, p. 98).

Determinados enunciados formam um conjunto quando se referem ao mesmo objeto, “assim, a questão é saber se a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto” (FOUCAULT, 2009, p. 37). Descreve-se sistemas de dispersão em enunciados e define-se regularidades correlacionando objetos, tipos de enunciação, conceitos, temas, o que resulta em uma Formação Discursiva, perceptível, por exemplo, com os itens lexicais “Deus”, “liberta”, “afastei”, “caminhos”, “poder” e “Jesus Cristo”, integrantes do R1 (Filha) exposto na próxima seção. Esses itens lexicais constituem um ritual que institui papéis aos sujeitos via Formação Discursiva cristã, permitindo a entrada na ordem do discurso da salvação.

As FDs se constituem por meio do espaço discursivo estabelecido pelo interdiscurso. Assim, em todo discurso perpassam valores que determinam o dizer e se manifestam por meio das formações discursivas, conjuntos de enunciados que se submetem a regularidades e

dispersões. A FD é um conjunto que pode determinar a dispersão e a descontinuidade do sujeito consigo (FOUCAULT, 2009). Assim, para Pêcheux (1975), as FDs intervêm nas formações ideológicas de maneira a determinar o que pode e o que deve ser dito. O autor também afirma que a Formação Discursiva deriva de condições de produção particulares.

Pêcheux (1975) considerou os estudos Foucaultianos, ainda que não os mencione, quando propôs a definição de Formação Discursiva, possível de ser apreendida por meio da análise do interdiscurso. Esse organiza os saberes, que se sistematizam diante das Condições de Produção, relacionando os domínios da memória e do acontecimento. Consoante com Baronas (2004), a noção de Formação Discursiva integra uma paternidade compartilhada, uma vez que há pontos de contato e de afastamento entre as noções de Michel Pêcheux e Michel Foucault.

Ao entendermos que a FD contribui para a definição das relações de poder e do que (não) pode e (não) deve ser dito, em qual lugar, qual momento e como (não) é dito, podemos afirmar que a FD constitui a identidade do sujeito (CORACINI, 2007). As unidades do discurso são os enunciados, que formam as práticas discursivas, constituindo uma episteme pertencente ao saber de uma época, a Formação Discursiva. Para analisá-la é preciso localizar o seu objeto de saber que surge em um acontecimento e expor as transformações sofridas por esses objetos de saber.

Na análise dos dizeres da mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas, procuramos “escutar” a presença do não-dito no que é dito, mas que constitui o sentido do seu discurso. O processo analítico é perpassado pela provisoriedade da interpretação, que é aberta a revisões e avanços, uma vez que o discurso acontece de diversas formas a partir de lugares diferentes durante a interpretação. A análise dos excertos, a seguir, trata da formação de dizeres perpassados por relações de exclusão, que se constituem enquanto efeitos de verdade, apoiados em saberes institucionais sobre as mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas.

O papel do enunciado e da Formação Discursiva na reverberação da verdade e no cuidado de si

Para nós, analistas do discurso, é difícil reconhecer que o enunciado não tem definição adequada, um caráter próprio, porque é matéria que determina o objeto nas análises da

linguagem. Os signos, que constituem as línguas, se impõem aos enunciados, pois sem enunciado não tem língua, apesar de um enunciado ser dispensável nela, por poder ser substituível por outro. Entendemos que a língua existe porque se constrói enunciados possíveis, mas também porque há descrição de enunciados reais. Por outro lado, o enunciado não existe no mesmo nível que a língua e nem de algum objeto, apesar de ter certa materialidade (FOUCAULT, 2009).

Como explicamos anteriormente, segundo Foucault (2009), o enunciado não é estrutural, porque não é uma unidade, é uma função que se liga a estruturas e possíveis unidades, resultando na sua materialidade. O que é preciso descrever é essa função junto às suas condições e suas regras (FOUCAULT, 2009). O enunciado é da ordem do repetível e está relacionado à diferenciação, às possibilidades de sentido, é por meio de domínios de possibilidade que as características da função enunciativa são: a descrição enunciativa não pode ser realizada por uma análise formal, nem semântica, mas por uma análise de como acontece a relação entre enunciado e espaços de diferenciação; não se analisa a relação entre o autor e o que disse ou quis dizer, mas a posição ocupada pelo indivíduo para ser seu sujeito; a função enunciativa não existe sem um domínio associado (FOUCAULT, 2009).

Sobre a noção de enunciado, no primeiro recorte (R1), a seguir, apontamos o trecho “Uma grande amiga me apresentou p/Deus e fui liberta” (linha 1). Notamos nele o enunciado “grande amiga” produzindo efeito de sentido de acolhimento, de algo importante, o item lexical¹⁰ “grande” manifesta a possibilidade do sentido de acolhida em uma importante amizade, constituindo um jogo de hospitalidade¹¹ pelo qual (S1) se torna hóspede da amiga. Nesse enunciado, a vontade de verdade é alinhavada pela Formação Discursiva cristã e sua distribuição do saber religioso, construindo um jogo enunciativo. Segue o primeiro recorte.

R1: Uma grande amiga me apresentou p/Deus e fui liberta, passou um tempo me afastei dos caminhos de Deus e voltei novamente a usar só que veio Bem + forte o vício. Faz 2 anos e meio que estou em uma empresa, e a 1 ano afastada de Deus e as coisas na vida amigos, empresa, estavam complicadas de eu lidar entrei em desespero, conheci a verdade da minha vida p família, empresa, e amigos e a empresa decidi me ajudar, minha mãe e irmã me dando maior Força. Hoje em dia estou com Deus. Libertada a uma semana e cinco dias pelo poder de Jesus Cristo. (Filha)

¹⁰ Tomamos o enunciado “item lexical” emprestado da Lexicologia, posto que o designa enquanto uma unidade de significação constituída por uma palavra ou um grupo de palavras e é sobre a significação que entendemos as possibilidades de sentido emergentes na formação dos discursos.

¹¹ A noção de hospitalidade será discutida posteriormente.

Uma vez abordada a FD cristã no R1, faz-se necessário entender que, pela arqueologia, descreve-se enunciados, considerando que seus conjuntos são caracterizados pelas Formações Discursivas (FD). Estas são definidas quando se estabelece um conjunto semelhante de enunciados, elas mostram que o objeto estudado tem seu lugar e sua lei de aparecimento e realçam que o objeto pode dar origem a outros que se excluem. Isto posto, sucedem-se observações e consequências como o fato de não ser permitido falar sobre qualquer coisa em qualquer momento. Os sistemas de normas não definem o objeto, definem o que permite o aparecimento do objeto e o que permite o seu lugar na exterioridade (FOUCAULT, 2009).

Com os enunciados, no R1, “me apresentou p/Deus e fui liberta” (linha 4), “passou um tempo me afastei dos caminhos de Deus” (linha 4 e 5), “1 ano afastada de Deus e as coisas na vida amigos, empresa estavam complicadas de eu lidar entrei em desespero” (linhas 6 e 7), e “liberta a uma semana e cinco dias pelo poder de Jesus Cristo” (linhas 9 e 10), destacamos os itens lexicais “Deus”, “liberta”, “afastei”, “caminhos”, “poder” e “Jesus Cristo” como integrantes de uma regularidade enunciativa que constitui a Formação Discursiva cristã.

A FD cristã é congruente ao denominado ritual, o que, para Foucault (2005), dita propriedades e papéis aos sujeitos e possibilita a entrada na ordem do discurso por meio do cumprimento de suas exigências. Constatamos que o sistema de normas da FD cristã permite o aparecimento do discurso da salvação materializado pelos itens lexicais “Deus”, “liberta” e “Jesus Cristo”. O discurso da salvação mobiliza o cuidado de si via introdução da libertação como salvação por meio do não uso de drogas, uma vez que esse é significado como pecado, uma desobediência à “Deus” (à norma). Esse discurso contribui para a (a)normalização¹² das drogas e sua esfera discursiva¹³, posto que ela passou a ser vista como pecado para os religiosos, questão de saúde pública para os médicos e questão de segurança pública para os governantes após deixar de ser uma “exceção” na sociedade.

A FD cristã constrói o imaginário de Filha a partir do discurso da salvação e do que Foucault (2006) designou de cuidado de si, que se constitui pela relação com o outro, com um mestre, um guia, um amigo que lhe diga a “verdade” sobre o sujeito. O discurso da salvação – adotando como base a discussão de Foucault (2005) sobre a noção de discurso – é concebido

¹² Da Silva e Nascimento (2020, p. 01) entendem que a normalidade, como um jogo de conhecimento de si e do outro em um jogo de poder, atinge a mulher dependente química por meio de um estigma que a caracteriza como fora da ordem, estando na anormalidade.

¹³ Envolve os sujeitos e suas múltiplas relações com as drogas.

como a reverberação da verdade em uma relação “poder-saber”, sendo que a vontade de verdade está apoiada em sistemas de exclusão do discurso, como a interdição e a segregação¹⁴. Semelhante aos dizeres sobre o sexo, os dizeres sobre as drogas são excluídos no discurso, são interditados e são determinados os momentos e lugares nos quais se pode falar sobre (REED, 2013).

Recorremos ao enunciado “conheci a verdade da minha vida p família, empresa, e amigos” (linhas 4 e 5) para, num gesto de interpretação, narrar um sistema de exclusão que se apoia na “família”, na “empresa” e nos “amigos”, e, por meio dele, o sujeito conhece a verdade da sua vida para o outro. A “família” e a “empresa” são instituições que aplicam, valorizam e distribuem saber, dialogando à discussão de Foucault (2005) sobre a vontade de verdade, a aplicação, a valorização e a distribuição de saber e do exercício de poder de coerção nos discursos. Essa vontade de verdade impossibilita o desenvolvimento dos sentimentos de pertença e o exclui através de uma aparente inclusão traçada pelas instituições de saber.

Em “a empresa decidiu me ajudar” (linha 5), a empresa produz saberes concernentes aos efeitos regulamentados de poder denominados como verdade. Os efeitos de poder determinam o que é verdadeiro ou falso, sua força se materializa, no R1, pelo verbo “decidir” na terceira pessoa do singular, item lexical que mobiliza os sentidos como aquele que “determina”, “soluciona”, “resolve” e “desata” (FERREIRA, 2009, p.606) a vida de Filha. Ao item “decidiu”, ancora-se o item lexical “ajudar” por meio de um contraste de significados, entre solucionar/resolver e auxiliar/contribuir.

Por conseguinte, notamos que há um jogo de poder configurado pelos itens linguísticos “decidiu” – há a imposição de algo – e “ajudar” – verbo que inclui a possibilidade de não querer ser ajudada. Desenha-se um jogo de relações possíveis que traçam uma rede de características entrecruzadas em efeitos de verdade sobre Filha. O desenho dessa rede de características desestruturam a visão unificadora das mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas e possibilita a compreensão dos jogos discursivos que envolvem seus dizeres como múltiplos.

Essa visão unificadora que buscamos desestruturar é ecoada pelos papéis sociais atribuídos a nós, mulheres, como a preservação da autoimagem via postura adequada. Na

¹⁴ Sistemas de exclusão abordados no eixo “Marcas discursivas da exclusão”.

ocasião específica problematizada nesta análise, Filha escondia o ato de usar drogas, como notamos quando expressa “conheci a verdade da minha vida p família, empresa e amigos” (linhas 4 e 5). Pela articulação subjetiva do item lexical “conheci”, interpretamos que Filha também se escondia de si mesma como uma forma de preservação da autoimagem, traçada pela FD cristã e sua produção de verdades sobre mulheres e drogas mediante técnicas de saber, como o discurso da salvação, e procedimentos discursivos como o cuidado de si e o conhecimento de si para o outro.

Para além da produção de verdades como forma de exclusão sobre si e o outro, no próximo eixo analítico, “Marcas discursivas da exclusão”, abordamos outras marcas discursivas de exclusão via interdição e segregação dos dizeres do sujeito Filha (R2) e do sujeito Mãe (R3).

Marcas discursivas da exclusão

Para proceder com a análise depreendida nesta seção, concordamos com Foucault (2005), segundo o qual a vontade de verdade é um procedimento de exclusão que se constrói por meio da aplicação, valorização e distribuição do saber na sociedade. É um procedimento que pressiona e exerce poder de coerção nos discursos por meio de instituições de saber, como vimos no primeiro recorte, a família e a empresa. Entendemos que a exclusão é uma forma de controle e poder que resulta na disposição dos sujeitos à margem, sendo que a vontade de verdade atravessa a interdição e a segregação – outros procedimentos de exclusão que constituem as sociedades.

A interdição existe em relação ao tabu do objeto, quando não se pode falar tudo; ao ritual da circunstância, no qual não podemos falar de tudo em qualquer ocasião, momento; e ao direito privilegiado, “qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2005, p. 09). Esses tipos de interdição se entrecruzam em um jogo de exclusão, revelando nos discursos uma ligação com o desejo e o poder. No que concerne à essa relação entre desejo e poder, retomamos a noção de discurso enquanto objeto do desejo, “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2005, p. 10).

Adjacente à interdição, outro princípio de exclusão estudado pelo autor é a separação/rejeição. Na Europa, durante muito tempo, o que o louco dizia era rejeitado ou

tomado como uma verdade ingênua. A palavra do louco era excluída ou, de modo restrito, não existia, e era na palavra dele que se exercia a separação (FOUCAULT, 2005). A separação, “longe de estar apagada se exerce de outro modo, segundo linhas distintas, por meio de novas instituições e com efeitos que não são de modo algum os mesmos” (FOUCAULT, 2005, p.12).

Como a segregação e a interdição, Foucault (2005) discute a vontade de verdade como um processo de exclusão, sendo a verdade reconduzida pelo modo de aplicação do saber em uma sociedade. Pelo discurso, enuncia-se a verdade, que é constituída historicamente e se deslocou do ato ritualizado para o enunciado, uma vez que essa vontade pode exercer uma pressão em outros discursos. De acordo com Foucault (2005), a vontade de verdade é uma maquinaria que exclui os que tentam contorná-la, justificando a interdição (a palavra proibida, tabu) e a segregação.

Diante do exposto, compreendemos que esses processos de exclusão são atravessados pela diferença. Derrida (1991, p. 62) distingue o termo diferença (“difference”) de “différance”, sendo que este nos remete ao processo de diferenciação, um movimento de alteridade, que não é oposicional. Ao contrário, a diferença não está em oposição, não está na obsessão pelo outro em uma relação de exclusão e inclusão, com uma concepção de alteridade exterior. Assim, entender a construção das diferenças contribui para a desnaturalização das representações cristalizadas no imaginário social, que corroboram os processos de exclusão.

Também é pela diferença do outro que se constrói a hospitalidade, caracterizada pela função de acolhimento incondicional do outro. Relembramos, sobre o primeiro recorte (R1), o trecho “Uma grande amiga me apresentou p/Deus e fui liberta” (linha 1), em que destacamos o enunciado “grande amiga” e o efeito de sentido de acolhimento em um jogo de hospitalidade. Jogo este que denota nosso olhar à idade clássica com seus tratados sobre ética e moral, que, em certo momento, privilegiaram a noção de amizade ou amor como basilar, como norteadora das relações entre os homens. Nos estudos aristotélicos, com a compreensão da amizade como condição do homem para busca da felicidade, a amizade é entendida enquanto potência existente na natureza humana efetuada na atividade permanente ou momentânea. Aristóteles (1991) também considera a amizade como um elo entre os indivíduos a fim de garantir a unidade na *pólis* enquanto unidade política constituída por outras unidades como a família, que exerce uma função na *pólis*. Assim, compreendemos que a amizade forma e molda as relações entre as pessoas.

Entretanto, Derrida (2011) também discute que a hospitalidade é praticada com condições, sendo que a palavra “hospitalidade” deriva do latim *hospes*, que contém *hostis* (estranho, estrangeiro), que é hóspede e inimigo. Dessa forma, o autor entende que há uma hostipitalidade, uma vez que o hospedeiro se torna hóspede quando se há leis e valores que precisam ser considerados pelo hóspede e pelo hospedeiro, tornando-se refém do hóspede (DERRIDA, 2003, p. 129). Em relação às cadeias de significação das palavras em suas formas polissêmicas, Derrida (2005) remete ao termo *phármakon*, que é a lei como remédio, lugar de proteção, e como veneno ao mesmo tempo, sendo um lugar em que se hostiliza. Essa característica dualista da lei também atinge as palavras a partir do conceito de hostipitalidade.

Com base nessas discussões, investigamos no segundo e terceiro recortes (R2 e R3), a seguir, marcas discursivas de exclusão nos dizeres de mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas que estão em tratamento, num processo de (re)inclusão. Nesse processo, no R2, também problematizamos a sua construção como estrangeira submetida às leis da cidade. Segue o segundo recorte enunciativo:

R2: Meu querido pai faleceu (mas conheci drogas maco...) fiquei muito triste pois o amava muito e não tinha afinidade com minha mãe, me deixei ser fraca e conheci o Crak e ele passou a fazer parte da minha vida, sempre trabalhei e a droga fazia parte da minha rotina. (Filha)

Nos enunciados “Meu querido pai faleceu” (linha 1) e “não tinha afinidade com minha mãe” (linha 2), os dêiticos “meu” e “minha” se inscrevem na relação da Filha com o pai, a mãe e a irmã, constituindo-se, como um efeito de sentido entre interlocutores, o discurso do apoio familiar. Esse discurso que reverbera a verdade da família como base, alicerce, produzindo efeito de poder sobre o sujeito, materializado pelo enunciado “muito triste”, que mantém relação com o falecimento do pai e com a falta da mãe. Em outras palavras, o discurso do apoio familiar reverbera a verdade da família como base e produz efeito de poder a partir da desestruturação dessa base.

Ainda na primeira linha, marcado entre parênteses, o Outro do discurso coloca em dúvida o dizer, pois enuncia algo que não pode ser falado, a “maco...”, algo que é silenciado, resultado de um sistema de exclusão: a interdição (FOUCAULT, 2005). Essa é marcada pelo uso de reticências e pode produzir diferentes gestos de interpretação, uma vez que consideramos esses sinais como uma manifestação da incompletude da linguagem e uma atualização do interdiscurso. As reticências abrem brechas para a interpretação do leitor e,

sendo marca da incompletude, possibilitam diferentes sentidos, marcas polissêmicas. Essas brechas possibilitadas pelas reticências são uma liberdade ilusória, pois não é vazia de significado, é um local silenciado que depende das condições de produção e das formações discursivas nas quais está inscrito o leitor.

Esse enunciado marca o tipo de interdição da palavra proibida, que não pode ser proferida (a maconha), uma vez que está entre parênteses, seguida de reticências e interrompida ao meio, “maco” ao invés de maconha. O Outro, o inconsciente que é reprimido pelo sujeito atravessa o seu discurso por meio de marcas de silenciamento, os parênteses e as reticências. Demonstra-se, dessa forma, a ruptura da lei, do discurso da proibição, um discurso outro que se manifesta por meio da interdição da linguagem. Torna-se, então, um discurso sobre o dizer do outro, uma metaenunciação, traçando o que Authier-Revuz (1998) denomina de heterogeneidade¹⁵.

Por meio da memória discursiva, um discurso Outro é revisitado com o uso dos parênteses, retomando o pré-construído a partir do esquecimento número um, o qual, de acordo com Pêcheux (1975), quando o sujeito enuncia, tem a ilusão de ser o seu dizer original, resultando em um sujeito clivado e marcado pela heterogeneidade. Os parênteses marcam uma introdução do interdiscurso do sujeito que enuncia, o que demonstra a pluralidade na identidade do sujeito que escreve de si por meio de marcas do Outro (AUTHIER-REVUZ, 1998), uma relação interdiscursiva entre o discurso do apoio familiar e o discurso da proibição.

Ademais, pode-se relacionar a morte do pai com o conhecimento da “maco” metaforicamente, pois, segundo Dalpiazet (2014), é um fator que pode corresponder ao uso de drogas. Esta afirmação também se sustenta ao retomarmos o que diz Lacan (1998) em relação à metáfora paterna, na qual o pai é como a lei responsável pelo funcionamento da sociedade e que permite o acesso da criança com as regras da sociedade, a ordem simbólica.

O falecimento do pai, como falecimento da lei, permite a perda, ou o abalo do acesso ao registro simbólico. Considera-se, então, que o sujeito é dividido, barrado, o que permite a formação do inconsciente. Quando este está inserido na ordem simbólica, parte sua é reprimida em decorrência da interdição. No recorte analisado, é o discurso sobre as drogas, discurso Outro sobre as drogas que é interdito pelo inconsciente (OLIVEIRA, 2012). O

¹⁵ A heterogeneidade questiona a unicidade do dizer, apontando o outro no um, está relacionada à interdiscursividade.

Outro, o inconsciente, que é reprimido pelo sujeito, atravessa o seu discurso por meio de marcas de silenciamento.

Esse processo de produção de saberes se reforça por mecanismos discursivos institucionais como a política e a economia. As drogas são gestadas pelo poder, otimizando e ordenando as forças constituintes do Estado (REED, 2013). A partir de políticas repressivas ao uso de drogas que emergiram no século XX, o traficante tem uma representação de inimigo público, o usuário é criminalizado como alguém que contribui com o tráfico, assim, os policiais vigiam a venda e uso de drogas. Por conseguinte, percebe-se que, de acordo com Reed (2013), os campos de poder, nos quais atuam relações políticas, produzem dispositivos de vigilância e técnicas de controle sobre a droga. No R2, a interdição dos dizeres sobre a drogadição acontece por meio das reticências e dos parênteses. Passemos para o terceiro recorte.

R3: Eu vim da Bahia 13 anos para trabalha para ajudar meus paiz e meu irmos depos eu arrangei tive meus tres filhos eu sofri muito com pai do meu filhos ele mi batia. eu entrei em depressão fui enternada vaira vez quando ele morreu meu filho do meio foi morrer com avô de ele foi onde comecei abebe eu vem por caps ad 4 anos (Mãe)

Mãe materializa sua fragmentalidade e sua constante transformação social e discursiva na totalidade ilusória do texto em cinco linhas, linhas que a marcam enquanto sujeito num espaço discursivo. Na primeira linha, “Eu vim da Bahia 13 anos para trabalha para ajudar mus paiz e meu irmos”, tracejamos os itens lexicais “trabalha” e “ajudar” e elucidamos a interpretação sobre a busca por um sentido para a vida, riscando a próxima linha pelo enunciado “depos eu arrangei”.

Esses traços desenham o panorama¹⁶ da FD trabalhista, uma vez que também é pautada pela busca de um sentido para a vida. O enunciado “depos eu arrangei” é modelado pelo encontro da busca pelo sentido da vida traçado em “tive meus três filhos”, a família como sentido da vida, sentido rompido e (re)significado com o enunciado “eu sofri muito com o pai dos meus filhos ele me batia” (linha 2). Esse rompimento, aparentemente, não acontece na materialidade, não há sinal gráfico que o demonstre, vírgula ou ponto final. Ele acontece pelo que chamamos aqui de paisagem¹⁷ do “eu”, item lexical que marca rompimentos: “Eu

¹⁶ Um quadro pelo qual podemos observar, nesta materialidade, a interpelação da FD trabalhista.

¹⁷ Conjunto de componentes enunciativos apreendidos pelo olhar analítico.

vim da Bahia” “eu arrangei”, “eu sofri muito”, “eu entrei em depressão” e “eu vem por caps ad”.

Esses enunciados marcam o sujeito, consoante com Coracini (2007), enquanto um espaço no discurso, um sujeito fragmentado, cindido, e resultado de uma ilusão imaginária de totalidade, ao passo que está em constante elaboração e transformação. Nesse tocante, Foucault (2009) afirma que o sujeito é função e lugar no discurso e constrói sua identidade por meio da Formação Discursiva. Nesta ocasião, sua identidade é atravessada pela FD trabalhista.

Isto posto, voltamos nosso olhar ao silêncio entre a busca do sentido da vida e o sofrimento em “eu sofri muito com o pai dos meus filhos ele me batia” (linha 2). A multiplicidade de sentido em “eu arrangei”, relacionado à completude, é cenário para “eu [não] arrangei”, junto ao sentido de finitude, se articula a ideia de sofrimento como constituinte da vida. O silêncio não cala o enunciado “eu arrangei”, faz dizer o não dito por meio do dito. A partir da materialidade “trabalha”, “ajudar” e “arrangei”, é esboçada uma rede discursiva sobre o trabalho ao ativar a memória em sua historicidade. O trabalho ascendeu com a descoberta de Locke sobre a base de toda propriedade ser o trabalho, depois, com a descoberta, por Adam Smith, de que o trabalho é a fonte da riqueza e Karl Marx com a discussão sobre o “sistema do trabalho”, que se tornou a base da produtividade e “a expressão da própria humanidade do homem” (ARENDDT, 2010, p.125). Por esse fio da memória, entendemos que o trabalho está relacionado à humanidade do homem, existe em relação ao sentido da vida.

A FD trabalhista atravessa os dizeres da Mãe como um princípio de exclusão, a separação, que se exerce por meio das instituições do trabalho e da família. Pelo trabalho, Mãe precisou ser segregada de seu *chez moi*¹⁸, a Bahia, e seus pais, depois, como mulher e mãe, sofreu violência física, separada da família por uma internação e dos filhos, que foram morar com o avô.

O sentido da vida também está na mudança, da Bahia à Três Lagoas “Eu vim da Bahia 13 anos pra trabalhar” (linha 1), com direito à hospitalidade. Constrói-se o estrangeiro como o outro, submetido às leis da cidade, inscreve-se no código de cidadania local se “arranjar” na cidade. A cidade que acolhe (hospedeiro) e quem é acolhido (hóspede) tornam-se *hostis*, pois

¹⁸ *Chez moi*, palavra francesa que significa casa, lar.

o outro é acolhido como possível inimigo, acolhido com reservas. O hospedeiro se fecha ao estrangeiro como autoimunidade para se proteger.

Entendemos que na tentativa de correção por meio da internação e da violência física, a mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas se encontra como hóspede, na exigência de compreensão da língua do outro, da verdade do outro. A hospitalidade é uma relação recíproca entre o eu que acolhe o outro, porém, este é chamado para um confronto em uma relação de hostipitalidade.

Finalmente, nota-se que, por meio da materialidade discursiva, a manifestação da exclusão dos dizeres de mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas acontece via interdição e hostipitalização (DERRIDA, 2011): ela é in(ex)cluída na própria casa, além da ordem doutrinal social, uma vez que por meio do outro se identifica e se hostiliza. Pelo arquivo, o mal de arquivo se constitui via contradição interna, uma vez que o arquivo existe porque há esquecimento, e para conservar o acontecimento, o arquivo também o transforma. Essas marcas inscrevem os sujeitos nas Formações Discursivas cristã e trabalhista, constituindo arquivos que querem se desfazer da relação de exclusão de gênero e drogadição, mas há rastros que as denunciam, denunciam sua denegação e constroem o discurso da proibição.

Considerações finais

Pela abordagem discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007), buscamos problematizar saberes tidos como verdades absolutas por meio da observação do discurso enquanto prática social (produto das relações de força). Prática obediente às regras que formam conjuntos de enunciados apoiados em formações discursivas, considerando a verdade como possibilidade (FOUCAULT, 2009). À essa abordagem, alinhamos a perspectiva teórico-metodológica arqueogenealógica, na interface entre a arqueologia e a genealogia discutidas por Foucault (2009, 1979).

Notamos que os papéis atribuídos à nós mulheres, pela memória, produzem efeitos de verdade sobre as mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas, provocando o que interpretamos, no primeiro recorte, como a preservação da autoimagem escondendo-se de si e do outro. Filha, como denominamos o sujeito-mulher que escreveu os R1 e R2 da pesquisa, constrói a preservação da autoimagem na articulação entre: a FD cristã,

ritual que dita propriedades e papéis ao sujeito; o discurso da salvação, enquanto técnica de saber cuja entrada na sua ordem é promovida pela FD cristã; e o procedimento discursivo do cuidado de si, com a libertação como salvação.

No R2, a interdição, uma forma de exclusão do discurso, é materializada pelas reticências e pelos parênteses, que demonstram um tabu do objeto, a maconha. Isso acontece porque se reprime o Outro do discurso por meio dessas marcas de silenciamento alinhavadas, pela memória, via discurso da proibição numa relação interdiscursiva com o discurso do apoio familiar. Reverbera-se a verdade da família como base e, também, o efeito de poder sobre o sujeito pela desestruturação dessa base.

Mãe, nome figurativo que selecionamos para o sujeito-mulher que escreveu o R3, de acordo com sua identificação como mãe ao longo do texto, se descreve enquanto sujeito em busca por um sentido para a vida, tenta traçar de forma linear o caminho que percorreu até o momento da escrita. Nessa busca, interpretamos o panorama da FD trabalhista, construída a partir do princípio de exclusão da separação exercido via instituições do trabalho e da família. Essa exclusão é marcada pela hostipitalidade entre o trabalho e a família. Pela memória discursiva, entendemos que Mãe está no entre-lugar da hospitalidade e da hostilidade pela sua construção enquanto mulher e enquanto mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas.

Desta forma, por meio do olhar arqueológico, destacamos o discurso da salvação, com a ordem possibilitada pela Formação Discursiva cristã; com os parênteses e as reticências enquanto marcas de silenciamento, interpretamos uma relação interdiscursiva entre o discurso da proibição e o discurso do apoio familiar, assim como o panorama da FD trabalhista. Concomitantemente, interpretamos os saberes dessa discursividade via genealogia, com base na qual discutimos a construção da preservação da autoimagem e do procedimento discursivo do cuidado de si; e problematizamos o efeito de poder sobre o sujeito por meio da desestruturação da verdade da família enquanto base. Família e trabalho se tornam instituições que exercem a separação, princípio de exclusão marcado pela hostipitalidade.

Com a análise dos recortes enunciativos, confirmamos a hipótese de que os discursos da mulher em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas são permeados pelo processo da interdição, uma forma de exclusão do discurso. Ademais, notamos que a exclusão também se manifesta por meio da hostipitalidade. No entremeio entre ser mulher e

dependente química, a hospitalidade e a hostilidade se encontram, tornando a mulher estrangeira em seu próprio país, sendo abrigada pela lei como hóspede e inimiga.

Enquanto analistas do discurso – arquivistas que reúnem fragmentos, documentos para constituírem um único, a ilusão do arquivo, sempre aberto –, entendemos que, nos dizeres das mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas, manifestam-se marcas que revelam uma hostipitalidade, que só colabora para a permanência de dizeres sempre interditados e negados. Ao buscar o CAPS ad, a mulher tenta se (re)incluir no que Foucault (2005) chama de ordem doutrinal da sociedade, na qual determinados conjuntos de dizeres, sobre as drogas, por exemplo, são proibidos. Assim, essa ordem doutrinal torna as mulheres em situação de transtorno por uso de substâncias psicoativas excluídas, reprimidas a um poder que se torna positivo (FOUCAULT, 1988) ao (re)incluir-las em centros de recuperação.

Referências

- ARENDETT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Valhandro; Gerd Borhheim da versão inglesa de W. D Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.
- BARONAS, R. L. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (org.). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: ClaraLuz, 2004. p. 45-63.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASILIANO, S; HOCHGRAF, P. B. A influência da comodidade com transtornos alimentares na apresentação de mulheres dependentes de substâncias psicoativas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 33, n. 3, 2006, p. 134-144.
- CARREON, Renata de Oliveira; MANZANO, Luciana carmona Garcia. Corpo ferido e ethos semiotizado em campanhas de combate à violência contra mulher. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 16, n. 1, 2016, p. 7-22.
- CESAR, Beatriz Aceti Lenz. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades Resultados preliminares. *J Bras Psiquiatr*, 55(3): 208-211, 2006, p. 208-211.
- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- DALPIAZET, A. K; JACOB, M. H. V. M; SILVA, K. D; BOLSON, M. P; HIRDES, A. Fatores associados ao uso de drogas: depoimentos de usuários de um CAPS AD. *Aletheia*. 45, set/dez, 2014. p. 56-71.
- DERRIDA, Jacques. A diferença. In: DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas, Sp: Papyrus, 1991, p. 58-62.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Silva; Pedro Lopes, Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 5. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOMES, Katia Varela. *A dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado*. 2010. 226 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Trad. de Vera Ribeiro; Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. *A identificação: seminário 1961 – 1962*. Trad. Ivan Correia e Marcos Bagno. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A dúvida de Cézanne. In: *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- OLIVEIRA, Joyce Bacelar. O inconsciente lacaniano. *Psicanálise & Barroco em revista*, v.10, n.1: 109-120, jul.2012, p. 109-121.
- ORLANDI, Eni. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade*. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes, 2006.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1975.
- REED, Andrew. Foucault e o discurso sobre “drogas”: Da definição do objeto à incorporação dos desvios. In: *Revista Intratextos*, 2013, vol4, no1, p. 162-179.
- ROCHA, G. T. S. R; NICOLAU, M. C. C. Dependência química e codependência face à questão da droga e drogadição: a família codependente e as fragilidades das políticas públicas no seu enfrentamento. VII Jornada internacional Políticas Públicas. 2015. São Luís. *Anais...* São Luís: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas – UFMA. 2015, p. 1-13.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Almeida, Marcos Feitosa, André Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

DA SILVA, Aline Rodrigues; NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia de Souza.

Recebido em: 30/07/2021; Aceito em: 18/08/2021.